



EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA E INTERCULTURAL NAS ESCOLAS DE FRONTEIRA

Maria Auxiliadora coelho Pinto¹

Resumo

A pesquisa sobre Educação Escolarizada e Intercultural nas Escolas de Fronteira foi realizada em três instituições de ensino da Educação Básica: na Escola Municipal Professora Jociêdes Andrade, na sede do município de Tabatinga; na Escola Municipal Indígena Marechal Rondon, situada na comunidade indígena Kokama de Sapotal e na Escola Municipal Indígena Eware Mowatcha, na comunidade indígena Ticuna de Belém do Solimões. O estudo desenvolveu-se através da pesquisa qualitativa com a utilização de entrevistas e observações no âmbito das instituições. Os sujeitos envolvidos na pesquisa, foram: 12 professores e 20 alunos da escola Jociêdes Andrade, 05 professores e 12 estudantes da Escola Indígena Marechal Rondon(kokama), 08 docentes e 15 alunos da Escola Indígena Ticuna Eware Mowatcha. Os resultados apresentados serão de acordo com os dados obtidos na pesquisa.

Palavras-Chave: Educação Escolarizada. Intercultural. Escolas de fronteira.

Abstract

The research on Schooled and Intercultural Education in Frontier Schools was carried out in three basic education institutions: at the Professor Jociêdes Andrade Municipal School, in the city of Tabatinga; Marechal Rondon Indigenous Municipal School, located in the Kokama indigenous community of Sapotal; and Eware Mowatcha Indigenous Municipal School, in the Ticuna indigenous community of Belém do Solimões. The study was developed through qualitative research using interviews and observations within the institutions. The subjects involved in the research were: 12 teachers and 20 students from Jociêdes Andrade School, 05 teachers and 12 students from Marechal Rondon Indian School (kokama), 08 teachers and 15 students from Ticuna Eware Mowatcha Indigenous School. The results will be according to the data obtained in the research.

Keywords: School Education. Intercultural Border Schools

¹ Professora da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM. E-mail- auxicoelho@hotmail.com



1. Introdução

Este trabalho é resultado da pesquisa sobre Educação Escolarizada e Intercultural nas Escolas de Fronteira. O estudo aconteceu nas seguintes instituições de ensino: Escola Municipal Professora Jociêdes Andrade, fundada em 28 de dezembro de 1992, situada na Avenida da Amizade s/n, zona urbana do município de Tabatinga, atende a demanda em nível da educação básica e nas modalidades da Educação de Jovens e Adultos-EJA; a Escola Municipal Indígena Marechal Rondon, situa-se na comunidade Kokama de Sapotal, fundada em 15 de agosto de 1972, com o nome de Nova União, posteriormente recebeu o nome atual. Os estudantes observados nessa instituição de ensino são filhos de pescadores, agricultores de subsistência e beneficiários da Bolsa Família; a Escola Municipal Indígena Eware Mowatcha, localizada na comunidade indígena Ticuna de Belém do Solimões, a maior comunidade indígena do Alto Solimões. Na escola desta comunidade detectou-se via pesquisa, que a maioria dos alunos são de famílias de baixa renda filhos de agricultores e beneficiários de programas sociais federais, tais como Bolsa Família, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil-PETI, a minoria são filhos de funcionários públicos.

O estudo objetivou fazer uma análise de como ocorrem os processos didáticos e pedagógicos desenvolvidos nos contextos escolares, com intuito de identificar a realidade social com um olhar sobre a interculturalidade nas práticas de ensino.

Buscou-se a observar como docentes utilizam os mecanismos e as estratégias de ensinagem para desenvolverem a leitura, escrita e a aplicação dos conteúdos curriculares na sala de aula nas escolas de fronteira.

2. Dialogando sobre a leitura e a escrita como processo de aprendizagem

Para aprender a ler e a escrever precisamos pensar bastante sobre a escrita, refletir sobre o que ela representa e como se representa graficamente para a linguagem. Assim nas atividades de leitura o aprendente deve analisar bem todos os indicadores disponíveis para a descoberta do significado do que está escrito, para conseguir realizar essa leitura.

O processo da leitura depende do momento em que a criança se encontra e das várias condições, objetivos e estilo pessoal de quem a realiza, o leitor. É preciso



pensar para que finalidade esta leitura servirá; o nível do conhecimento prévio do que está sendo tratado no texto e o nível da complexidade que o texto traz para se decifrar. Ler não é uma tarefa fácil porque exige do leitor um grau de compreensão, pois não há uma idade ideal para se aprender a ler e a escrever. Isso depende da importância que essa leitura é capaz de proporcionar na vida de cada pessoa. Paulo Freire (1997, p.132). expressa que “Ler é um processo difícil e penoso, mas ao mesmo tempo, prazeroso. É preciso que o leitor mergulhe profundamente no universo do texto para poder compreender sua verdadeira significação”.

Dessa forma a prática da leitura e da escrita começa muito antes de qualquer formalidade textual, gramatical, mas para que isso aconteça deve partir de conhecimento prévio e individual de cada pessoa. E quando essa prática começa na escola, ela deve ser atrativa partindo da dificuldade da aprendizagem da leitura percebida na escola, assim, cabe ao educador garantir aos estudantes o acesso à maior diversidade possível de textos como literatura, reportagens, anúncios publicitários, contos, lendas, parlendas, mitos, músicas, literatura de cordel, origami, textos bíblicos, brinquedos cantados, poesia, trava-línguas, adivinhas e outros. É necessário apresentá-los no contexto em que são utilizados. Só assim os estudantes saberão como lidar de maneira adequada com cada um deles no dia-a-dia, dentro e fora do ambiente escolar. Buscar novas alternativas para se ensinar a leitura, é preciso, deixar de lado aquela prática tão tradicional e exaustiva que sempre foi proposta nas escolas, pois nas escolas de fronteira temos diversidades de enredos que podem ser fontes de produções escolares.

Os docentes devem utilizar mecanismos, como: objetivos e diversidade de modalidades de textos. Nesses textos deve haver uma elo de ligação entre os conteúdos curriculares, mas antes de tudo, as crianças, adolescentes, jovens e até os adultos precisam encontrar sentido na leitura. O papel do educador neste sentido, é fundamental e decisivo para promover essa leitura por prazer no ambiente de sua sala de aula. Leitura é assim, encanta e dá prazer, dependendo da forma como é feita para envolver o aluno de curiosidade até em situação de aprendizagem.

Um ato de leitura é um ato mágico. Alguém pode, rir e chorar enquanto lê em silêncio, sem estar louco. Alguém nota formas estranhas na página, e de sua boca “sai linguagem”: uma linguagem que não é de todos os dias, uma linguagem que tem outras palavras e organiza-se de outra maneira (FERREIRO, 1997 p. 7).



A leitura e a escrita são decisivas para a formação do aprendente e também do educador, pois quanto mais informado, melhor auxilia seus alunos para adquirir essas competências na fase de sua formação. Mizukami (1986, p. 99), infere que “o aluno interage com o professor dando a sua contribuição para o processo de ensino-aprendizagem, falando sobre sua cultura e suas experiências de vida”. O professor, na relação ensino/aprendizagem, precisa encontrar alternativas didáticas que facilitem a assimilação de conteúdos por parte do estudante, além de provocá-lo a refletir sobre determinado tipo de conhecimento.

Paulo Freire, através dos seus escritos e ações, dedicou-se a pensar o ato pedagógico e a contribuir para a formação de educadores, para os quais despendeu muita atenção. Identificava o educador como animador cultural que, ao reconhecer a realidade de seus alunos e de sua comunidade, promove a ação cultural, e a educação como um grande encontro de saberes.

3. Escolas de Fronteira: olhares e contextos escolares diversos

As escolas municipais situadas na área fronteira atendem a demanda da educação básica e modalidades de ensino, a escola Jociêdes Andrade, situada na Avenida da Amizade s/n, zona urbana do município de Tabatinga, que vem atendendo a demanda em nível da educação básica e nas modalidades da Educação de Jovens e Adultos-EJA. Nesta escola existe um grande intercâmbio, principalmente com as culturas peruanas, colombianas e indígenas Ticuna. Isto ocorre devido à migração dos povos das pequenas comunidades que fazem fronteiras com o município de Tabatinga. As escolas da Colômbia e do Peru participam dos projetos desenvolvidos na escola da sede do município; a Escola Eware Mowatcha (indígena Ticuna-ribeirinha) e considerada intercultural pertence a comunidade de Belém do Solimões, a maior comunidade indígena do Alto do Solimões; e a Escola Municipal Indígena Marechal Rondon, situa-se na comunidade Kokama de Sapotal, fundada em 15 de agosto de 1972, com o nome de Nova União e no ano de 1981, recebeu o nome atual. Logo que foi criada era de palha e paxiúba onde funcionava apenas uma sala de aula. Com o aumento da demanda e o crescimento populacional da comunidade, houve a necessidade de ampliação. Atualmente a escola atende alunos da educação infantil, fundamental e educação de jovens e adultos - EJA, onde a maioria é declarada kokama, porém não são falantes da língua; mas representam sua cultura através das



pinturas, das vestimentas, das comidas e bebidas e nas datas festivas trazem os anciões da comunidade para fazer o resgate da língua kokama.

As escolas pesquisadas não possuem o Projeto Político Pedagógico, que estabelecem normas e regras de funcionamento da educação curricular, elas funcionam de acordo com as diretrizes advindas da Secretaria Municipal de educação-SEMED. Essas instituições já adotam uma concepção de ensino interdisciplinar e atentam para as diversas culturas, religiões, costumes, economias e políticas de outros povos e de si mesmas, numa perspectiva de escola de fronteira que recebem pessoas de várias nacionalidades. Assegurar a todos a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, sem qualquer tipo de discriminação, é um princípio que está em nossa Constituição desde 1988. É importante assegurar os direitos, mas não devemos esquecer que todos os sujeitos pertencem a um lugar de origem no qual funciona um sistema de educação. Foucault, (1972, p.71), propõe que “a aprendizagem é um processo que requer interação social e cooperação na intersecção de comunidade, práticas compartilhadas, identidade e significado”

Nas escolas indígenas, utilizam a língua materna como obrigatória no que tange ao currículo escolar, porém os professores bilingues trabalham, na maioria das vezes, na língua portuguesa, na forma oral e escrita, pois a escola não disponibiliza de livros escritos na língua Ticuna somente em Português. As escolas indígenas Eware Mowatcha (Ticuna) e a Marechal Rondon (Kokama), não trabalham com projetos diferenciados interculturais que possam amenizar os problemas existentes relacionados ao ensino e aprendizagem, uma vez, que trabalham o currículo nacional padrão orientado e acompanhado pela Secretaria Municipal de Educação-SEMED. A escola urbana Professora Jociêdes Andrade trabalha com vários projetos. Nas escolas indígenas há uma dificuldade de se trabalhar na língua materna pela falta de material disponibilizado, além do mais existe outros desafios enfrentados pela comunidade escolar, dentre eles conflitos entre alunos, professores e a comunidade, devido ao alcoolismo e outras drogas presentes dentro e fora do ambiente escolar, onde durante a pesquisa notou-se a entrada e permanência de alunos ou pais de alunos alcoolizados, causando transtornos e constrangimentos à equipe da comunidade escolar e discentes. Nas comunidades indígenas, desde muito cedo muitos estudantes se envolvem com o alcoolismo. Que são fatores que merecem uma



atenção especial e precisam ser combatidos mediante aplicação de políticas públicas voltadas para tais questões.

Nestas instituições de ensino os estudantes de menor idade, a crianças apresentam bom relacionamento interpessoal com todos do ambiente escolar, sendo que as dificuldades estão em alguns casos que se caracterizam na maioria das vezes por questões familiares que também afetam a escola e o aprendizado dos educandos, nas socializações e interações com outros indivíduos do seu contexto social.

Na escola há alunos estrangeiros (peruanos e colombianos) na sua grande maioria são filhos de famílias que já moram na sede do município, como já convivem com os brasileiros, não apresentam dificuldade de relacionamento, brincam de forma intercultural mantendo interligações culturais sem preconceitos entre as crianças menores. A língua escrita causa certa dificuldade para os mesmos porque compreendem a língua portuguesa oralizada, mas não a escrita. Permanecendo ainda com suas características culturais própria de língua, costumes e valores do lugar de origem.

Em duas das escolas pesquisadas; Escola Jociêdes e Eware Mowatcha, observou-se metodologias de leituras e escritas criativas que contagiavam os alunos durante as atividades diversificadas desenvolvidas pelos professores que motivava toda turma. Porém, na escola indígena Marechal Rondon se percebeu também, atividades mecanizadas, repetitivas e exaustivas que não despertava interesse nos educandos. Na Escola Municipal Eware Mowatcha, da comunidade indígena de Belém do Solimões, as crianças ficavam livres no seu modo de brincar e aprender. Agrupavam-se meninos e meninas que moravam próximas umas às outras, para praticarem atividades divertidas e prazerosas onde o líder era aquele com mais idade que comandava as brincadeiras mediadas pelos docentes. Durante a vazante do rio iam brincar nas praias, nos igarapés faziam arcos e flechas da tala da folhas do buriti, caçavam insetos, pescavam e deslizavam no barranco, a diversão cultural tradicional. Charlot (2013, p. 87) destaca que “há muito saber incorporado no mundo que vivemos, mas temos com ele uma relação mais mágica do que cognitiva”

No dia do índio, 19 de abril, eles participavam de todas as atividades realizadas na comunidade, como o desfile cívico e cultural, a dança, corrida, canoagem, cabo de guerra, a pintura, o desenho e a caracterização de guerreiros ancestrais. A história do povo era contada e lida pelos professores no momento do



desfile e a apresentação cultural. Essas atividades são apresentadas em forma de projetos sendo trabalhados com os alunos, porém o professor trabalha de forma bilingue em sala, onde sua leitura é feita em português, mas sua explicação oral, feita na língua Ticuna porque as crianças apresentavam dificuldades em associar as duas falas, gerando assim dificuldade na interpretação. Quanto à leitura, o educador utilizava de técnica de contação de histórias de forma bilingue fazendo uso de desenhos produzidos em sala, ou de experiências vivenciadas pelos próprios estudantes e docentes. Dessa forma buscavam uma estratégia de envolvimento entre os alunos para produção da leitura e da escrita na sala de aula. Japiassu (1983, p.17) afirma que “se temos que ensinar algo a nossos alunos, que lhes ensinemos a pensar, que lhe ensinemos a aprender, a se construírem e se reconstruírem, a fazerem perguntas e a questionar o já sabido”

Na escola indígena Marechal Rondon, as práticas de interação só aconteciam nas aulas de educação física; o professor formava grupos mistos para jogar futebol, os que não jogavam, realizavam outras brincadeiras. Fora do ambiente escolar as crianças brincavam de forma divertida e alegre, inventando e reinventando modos e regras de brincadeiras, como futebol com bola feita de sacolas plásticas e papel, bolinha de gude, pião, “taco”, de forma descontraída sem preocupações com horários, sem preconceito racial ou étnico e religioso, pois a escola não possui acervos diversos de gêneros literários, apenas os didáticos, jogos didáticos educativos fornecidos pelo Ministério de Educação e cultura, os docentes não utilizavam de técnicas ou metodologias que envolvesse a brincadeira de forma inovadora ou dinâmica, para que buscassem envolver os alunos, sendo uma aula de exposição de conteúdos de escrita e de atividades de interpretação.

Segundo Manegolla e Sant’Anna (2000, p. 259) a sala de aula é considerada como:

Um organismo social no qual interagem forças, movimentos, sistemas de ideias e sistemas de valores. Reconheceu-se, assim, que além dos puramente cognitivos, há uma plethora de fatores que afetam a aprendizagem na sala de aula, que é o ponto de encontro de tendências, hábitos, ciências, ideias individualizadas e de uma cultura e estrutura social mais ampla.

Nas escolas indígenas os alunos ainda enfrentam dificuldades de chegarem à escola porque são oriundos de áreas ribeirinhas, que muitas vezes enfrentam dificuldades de chegarem até ela. E quando não tem a merenda escolar a



situação é pior porque esses estudantes vem para a escola sem se alimentarem. Nessa situação a responsabilidade da escola e o compromisso dos professores se conflitam, porém tem que haver parceria e juntos buscam soluções.

Na escola professora Jociêdes Andrade, os professores trabalhavam com projetos de leitura de forma lúdica e todos participavam. Na biblioteca há variedades de livros de literatura infantil e outros livros para pesquisa. Os alunos têm momentos dedicados à leitura diariamente; onde cada um lê um livro diferente e logo após eles socializam as histórias lidas. Cada aluno tem seu caderno de projetos que contém histórias infantis, poesia e outros gêneros de leitura culminadas com a sociedade através de exposição dos projetos que conta com a participação de escolas da Colômbia e do Peru e suas apresentações culturais, promovendo assim, a interculturalidade entre as instituições escolares dos países vizinhos. Nas escolas de fronteira é comum se observar o conectividade das escolas com nas práticas educacionais, uma vez que essas escolas contém um cenário multicultural no seu cotidiano. Dessa forma aprendizagem vai-se construindo a partir do meio, podendo ser na casa, no bairro e em grupos sociais e na escola, nesse contexto, o estudante é capaz de promover as suas possibilidades individuais de aprendizagem. Freire (1997, p. 193) expressa que “a verdadeira aprendizagem ocorre quando há apropriação do aprendido por parte do educando”.

Constatou-se que apesar das dificuldades nos contextos escolares, alguns professores apresentam-se dinâmicos, criativos e solidários, buscando sempre estarem atualizados com os avanços tecnológicos, integrando-os às práticas docentes e socialização com os discentes nas atividades desenvolvidas em classe e extraclasse, conciliando os desafios dos ambientes escolares para ensinarem nesse novo tempo.

4. Tecendo as considerações finais

O Brasil é constituído por grande variedade de grupos étnicos, com histórias, saberes, culturas e a maioria com suas próprias línguas. Essa diversidade sociocultural é riqueza que deve ser preservada e aproveitada com estratégias de ensino nos contextos escolares

A pesquisa nas escolas de fronteira revelou que a prática docente precisa ir além da sala de aula e configurar-se como mediação entre escola e sociedade, entre



o individual e o social. Contudo, essa é uma tarefa cada vez mais complexa que se impõe ao professor comprometido com uma educação que realmente prepare sujeitos críticos, ativos capazes de atuar de forma decisiva no contexto social em que estão inseridos. Esse fato contradiz pela ausência de políticas públicas é um fator que contribui para o fracasso de muitas questões dentro das escolas públicas, como a falta de material didático ou livros inadequados, a falta de merenda escolar, prédio precário em funcionamento e outras problemáticas existentes nos âmbitos escolares que afetam o desenvolvimento de aprendizagem dos discentes e as práticas pedagógicas docentes que reflete muitas vezes, nos baixos rendimentos escolares dos estudantes na educação escolarizada e intercultural nas escolas de fronteira.

5. Referências Bibliográficas

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1º ed. São Paulo: Cortez, 2013.

FERREIRO, Emília. 1995. Reflexões sobre a Alfabetização. São Paulo: Cortez.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 25.a Ed. São Paulo: Cortez, 1997

_____, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Editora Olho d água, 1997.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura F. De Almeida Sampaio. São Paulo, Loyola, 1972.

JAPIASSU, Hilton. **A pedagogia da incerteza**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT`ANNA, Ilza Martins. **Porque planejar? Como planejar? – currículo, área, aulas**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. 1996 – **Ensino: As abordagens do processo** – São Paulo. E.P.U. LTDA.